



DOI: <http://dx.doi.org/10.22484/2177-5788.2016v42n1p11-31>

## **Semiótica e tradução: a intrincada rede de sistemas simbólicos fronteiriços<sup>1</sup>**

Patrícia Fonseca Fanaya

**Resumo:** Os estudos da tradução estiveram, por muito tempo, umbilicalmente ligados ao campo dos estudos linguísticos. Nessa relação, na qual se privilegia o signo linguístico como o mais importante dentre todos os outros e se objetiva as transferências de significados entre línguas naturais, percebe-se uma limitação teórica que torna muito difícil lidar com o processo tradutório em meio a contextos sógnicos mais amplos - especialmente se considerarmos a complexificação e o intrincamento dos sistemas simbólicos ocorridos nas duas últimas décadas, promovido não só pela globalização econômica e social, mas principalmente pelos avanços tecnológicos e da inteligência artificial. O objetivo deste artigo é dar início a uma discussão renovada sobre o processo de tradução, baseada em seu encontro com a semiótica de Yuri Lotman, iluminada pela interpretação peirceana da biossemiótica de Jesper Hoffmeyer e dos expoentes da Escola de Tartu, Kotov e Kull.

**Palavras-chave:** Semiótica. Tradução. Linguagens híbridas. Tecnologias.

### **Semiotics and Translation: the intertwined network of border symbolic systems**

**Abstract:** Translation studies were, for a long time, inextricably linked to the field of linguistic studies. In this relationship, the linguistic sign is privileged as the most significant among all others and its ultimate goal has been the transfer of meanings between natural languages. Consequently, one may see a theoretical limitation that makes it very difficult to deal with the translation process in broader contexts - especially considering the complexity and entanglement of symbolic systems promoted not only by the economic and social globalization, but mainly by technological advances and artificial intelligence of the last two or three decades. The aim of this paper is to renew the discussion about the translation process itself from a semiotic point of view, taking advantage of some aspects of Yuri Lotman's semiotics illuminated by a Peircean interpretation of Jesper Hoffmeyer's biosemiotics, as well as by the contributions of Kotov and Kull, two of the most prominent exponents of the Tartu School of Semiotics.

**Keywords:** Semiotics. Translation. Hybrid languages. Technologies.

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado a partir da revisão e adequação do capítulo 2 da tese **Autopioese, semiose e tradução: vias para a subjetividade nas redes digitais**, defendida pela autora, em 2014, na PUC-SP.



## **Introdução**

Os estudos da tradução têm-se enriquecido e ampliado graças às abordagens transdisciplinares, principalmente nas últimas quatro décadas. Pontuo, aqui, a importância do encontro com a teoria dos sistemas, com os estudos culturais, com a comunicação e com a semiótica. O encontro com a teoria dos sistemas tem o mérito de trazer à disciplina a ideia de que traduzir é um processo dinâmico e que todos os fenômenos de linguagem se configuram como relações entre os elementos de um sistema ou deste próprio com outros sistemas. O encontro com os estudos culturais e com a comunicação trouxe ao campo uma consciência maior quanto ao valor dos contextos e objetivos do ato tradutório. Aquele com a semiótica, ainda embrionário e restrito a pequenos círculos de pesquisadores, promete oferecer grandes avanços em direção à compreensão do processo tradutório como processo cognitivo que se dá em meio a uma intrincada rede de sistemas simbólicos fronteiriços. Penso ser interessante que se exponha, mesmo que sucintamente esse percurso de encontros, para que se entenda que o caminho a ser percorrido pelos estudos da tradução em direção a abordagens mais gerais, que considerem o processo da tradução como parte do próprio processo cognitivo, ainda é longo e tortuoso. Entretanto, entendo que o panorama está se modificando radical e rapidamente, dada a natureza intrinsecamente intersemiótica dos ambientes digitais e também aos surpreendentes avanços das tecnologias da inteligência e das pesquisas em inteligência artificial.

## **Tradução, sistemas, cultura, comunicação e semiótica**

Em seu livro *Teorias Contemporâneas da Tradução*, Edwin Gentzler (2009) expõe de maneira clara e acessível os caminhos dos estudos da tradução ao longo do tempo, e se detém, especialmente, na pesquisa dos polissistemas, na assim chamada virada cultural e nas teorias pós-colonialistas da tradução. Seu interesse maior nas teorias relacionadas à cultura parece fundamentar-se no fato de se ter negligenciado por muito tempo, os impactos culturais na atividade tradutória. Pretendo seguir, aqui, o recorte proposto por Gentzler e acrescentar, mais adiante, a perspectiva da comunicação e da semiótica.



Gentzler (2009) conta que a partir da década de 1970 surgiram nos Países Baixos, na Inglaterra e em Israel, os primeiros grupos a trabalhar com uma abordagem sistêmica da tradução. De acordo com essa metodologia, que mais tarde ficaria conhecida como a teoria dos polissistemas, a complexidade e a interdependência dos sistemas socioculturais heterogêneos, versáteis e de redes dinâmicas deveriam ser estudados juntos. Ainda segundo Gentzler (2009), Itamar Even-Zohar, considerado mais um teórico da cultura do que especificamente um teórico da tradução, foi o primeiro a desenvolver a hipótese dos polissistemas, trabalhando em um modelo para a literatura israelita hebraica.

No campo filosófico, diversos foram aqueles que flertaram em maior ou menor grau com as questões da tradução. Foucault (1977, p. 130) contestou a noção tradicional de autor e propôs que se pensasse em termos de função de autor. Conforme Gentzler (2009, p. 188-189), para Foucault, o autor estaria demasiadamente atrelado aos sistemas de sua época e também à sua localização e contexto, e teria, portanto, pouco controle e limitada percepção de seu próprio ato criativo; e ainda, a designação autor só serviria para simplificar toda essa complexidade; Derrida, por sua vez, cunhou o termo *différance* para se referir ao que *não* existe em uma língua, em um texto, questionando, desse modo, qualquer abordagem ontológica que pretendesse determinar a noção de *ser* baseada na presença. No que tange especificamente à atividade tradutória, Derrida sugeriu que não se olhassem somente a mensagem original e sua codificação, mas também suas múltiplas facetas e inter-relações. Segundo ele, esses seriam os elementos necessários para fazer com que a mensagem efetivamente “dissesse alguma coisa”, se “referisse a algo” (GENTZLER, 2009, p. 198).

Os desconstrutivistas que vieram a seguir desafiaram todas as noções fundamentais predominantes e todos os limites até então impostos pela tradição no campo da tradução. O exercício desconstrutivista permitiu que o pensamento viajasse em direção oposta à tradição e propôs novas maneiras de pensar quase tudo: do texto original à autoria; do papel da tradução ao papel do tradutor; além de questionar o status primordial do texto escrito.

Na década de 1990, o movimento que se sobressaiu nos estudos da tradução ficou conhecido como *the cultural turn* (virada cultural), e revelou expoentes como Gayatri Spivak e Tejaswini Niranjana, que foram fortemente influenciadas pelo desconstrutivismo. A proposta



pós-colonialista propunha que se começasse a pensar a tradução a partir dos estudos da cultura e das diferenças, ou seja, deveriam ser examinadas tanto as influências da cultura na tradução quanto a contribuição da tradução para a dinâmica da representação cultural. Conforme Buzelin (2007), o foco do processo de tradução passou das transferências entre duas línguas-culturas distintas e estrangeiras uma em relação à outra, ao estudo dos processos de transformação, de *métissage*, de hibridização, ou ainda, do estudo das zonas de tensão ou do instrumento de construção das identidades coletivas. Esta abordagem pôs o foco nos fatores humanos e propôs a ideia de que a tradução é mediadora na negociação entre partes desiguais nas relações de dominação e poder. O tradutor deve tornar-se íntimo não só das línguas entre as quais traduz, mas “[d]a história da língua, [d]a história do momento do autor, [d]a história da língua em tradução” (SPIVAK, 1993, p. 186 apud GENTZLER, 2009, p. 226). Para ela, as exigências que recaem sobre o tradutor são inúmeras, e ele passa a exercer o papel de mediador cultural, e não mais, apenas, de um experto em línguas.

Encerrada a rápida revisão do encontro dos estudos da tradução com a teoria dos polissistemas e com os estudos culturais, passo agora ao encontro com o campo da comunicação. Aponto aqui o trabalho da funcionalista alemã, Christiane Nord, para quem a tradução tem como propósito, em última instância, a comunicação.

Em *Translating as a Purposeful Activity*, Nord (1997) aborda a tradução de diversos ângulos diferentes: à luz da teoria da ação; como uma forma de interação traducional;<sup>2</sup> como interação intencional; como ação comunicacional; como ação intercultural; e, por último, como ação de processamento de texto. Todas essas abordagens são fundamentadas pela perspectiva de trabalho da escola funcionalista alemã de Leipzig, e seus expoentes: Katharina Reiss e seu criticismo funcionalista; na *Skopostheorie* de Hans J. Vermeer e suas extensões; em Justa Holz-Mänttari e a teoria da ação traducional.

O surgimento da escola funcionalista foi um marco importante na evolução do campo teórico dos estudos da tradução, porque rompeu com a tradição de obediência ao texto original e à equivalência linguística. Para Snell-Hornby (2006), Vermeer foi um dos primeiros a

---

<sup>2</sup> No original: *translational interaction*.



relativizar os conceitos de texto e tradução, abrindo novas possibilidades para que outros também se libertassem da tradição linguística e buscassem caminhos interdisciplinares diferentes que contribuíssem para expandir e fortalecer o campo de pesquisa.

Os funcionalistas abordam o ato e a atividade da tradução como ações humanas intencionais e como interações comunicativas com propósitos definidos. De acordo com Nord, o tradutor é um mediador cultural e não uma personagem secundária que realiza tarefas de transposição linguística baseadas na fidelidade a um texto original. Nas palavras de Nord (1997, p. 17):

Os tradutores permitem que ocorra a comunicação entre os membros de diferentes comunidades culturais. Eles constroem a ponte entre situações em que as diferenças de comportamento verbal e não verbal, as expectativas, o conhecimento e as perspectivas são tais que não há terreno comum suficiente para o remetente e o destinatário se comunicarem eficazmente por conta própria.

Nord observou que o ato tradutório tem como propósito a comunicação, e que o sentido só se estabelece por meio da interação negociada entre agentes e contextos. Portanto, o ato tradutório é um processo dinâmico, interativo e situado. A partir dessa visão abrangente, o que se entende por “texto original” é um dos elementos a ser considerado no processo, mas não necessariamente o único. Há de se considerar o propósito da tradução, em primeiro lugar, para só então definir como o texto original deverá ser trabalhado. A fidelidade, sob essa perspectiva, não é ao texto original, mas ao *propósito* da tradução. Para Fanaya (2009), o tradutor, na concepção de Nord, atua como intérprete e mediador no processo comunicacional e a tradução é meio e ao mesmo tempo veículo, que conduzirá o processo de significação adiante, em direção ao receptor, que dará continuidade ao processo de interpretação, agora em outro código linguístico e em outro sistema semiótico.

Parece importante que se façam três observações: 1. Christiane Nord propôs um modelo funcionalista para a tradução, voltado ao contexto do ato comunicativo e destinado, principalmente, à formação de tradutores; 2. Nord descreve o processo comunicacional de modo linear e tradicional, como: iniciador — emissor — mensagem/canal/código — receptor, e essa descrição não parece mais dar conta do hibridismo e da convergência da comunicação em rede



e *always-on* dos tempos em que se vive; e 3. é bom reforçar que ela considera como partícipes da comunicação dialógica apenas agentes humanos, o que, em tempos de avanços impressionantes da inteligência artificial, se apresenta como um ponto a ser revisto e atualizado em sua teoria. Essas observações não diminuem em nada a contribuição de Nord para a área dos estudos da tradução. O que é necessário, a partir daqui, é mergulhar no complexo universo da comunicação, que se modificou profundamente com a emergência das redes digitais e dos aparelhos inteligentes interconectados em tempo real. A seguir, será apresentado o encontro da tradução com a semiótica.

No artigo *Translation*, Robyns e Lambert (2004) afirmam que a concepção tradicional de tradução está baseada em inúmeras dicotomias (texto-fonte/ texto-alvo; forma/conteúdo; identidade/alteridade). Essas dicotomias geram problemas conceituais nas discussões sobre tradução como prática semiótica, pois costumam excluir o contexto referencial da situação comunicacional, além de abordar o significado como um aspecto invariante do texto fonte, inteiramente determinado pela estrutura de um sistema linguístico homogêneo. Nesse modelo, a natureza dinâmica e funcional da comunicação é ignorada e, pela insistência em abordar a tradução como transferência de significados, ele é incapaz de dar conta do complexo modelo discursivo do texto traduzido.

Do ponto de vista sociocrítico, continuam os autores, uma definição de tradução que não leva em consideração quem usa os signos e nem a heterogeneidade dos sistemas discursivos se torna problemática e incapaz de dar conta do papel dos indivíduos e instituições nas relações de poder envolvidas nas estratégias de comunicação. A alternativa a esse modelo dualista, afirmam, é a definição triádica de signo de Peirce, ou seja, a relação signo-objeto-interpretante. A título de esclarecimento, por ora, é suficiente dizer que a concepção peirceana de signo pode ser interpretada como um amplo e abrangente conceito de tradução. Portanto, como dizem os autores, a tradução deve ser vista como um passo em uma cadeia de interpretações, igualmente sujeita à interpretação.

Robyns e Lambert (2004) afirmam que, a partir de uma perspectiva sociosemiótica, pode-se definir a tradução como uma migração por meio da transformação dos elementos discursivos (signos), que durante o processo são interpretados (recontextualizados) de acordo



com diferentes normas, códigos e modelos. Uma vez que são as normas comuns que definem e delimitam os sistemas discursivos, pode-se dizer que a tradução ocorre entre discursos concorrentes, hierarquicamente estruturados e variadamente sobrepostos.

Os mesmos autores apontam alguns dos impactos causados pela perspectiva sociosemiótica nos estudos da tradução: 1. torna-se inútil se apegar ao texto como a unidade base da descrição da tradução, pois não são somente textos a serem traduzidos, mas também os elementos textuais, fragmentos de textos, modelos textuais, variedades linguísticas, símbolos culturais, etc. Além disso, uma vez que a tradução ocorre entre várias fronteiras sistêmicas, e não apenas entre (dois) sistemas linguísticos, não se pode limitar a análise apenas à mera tradução interlinguística; 2. a comunicação é parte integrante da prática de tradução, portanto, é o ponto de encontro dos processos de interpretação provenientes de diferentes fontes, e torna-se o único ponto de partida (embora certamente não o único objeto) da descrição. 3. nenhuma tradução pode ser tratada de forma isolada: ela é o resultado e, ao mesmo tempo, o ponto de partida dos processos semióticos que funcionam como estratégias nas práticas discursivas.

Robyns e Lambert (2004) encerram o artigo afirmando que a mobilidade dos seres humanos no espaço e no tempo, e, portanto, a mobilidade dos sistemas comunicacionais, redefiniu e vai continuar redefinindo os princípios estruturantes das sociedades, pois as fronteiras linguísticas, políticas, artísticas e religiosas são cada vez menos evidentes. A tradução desempenha, portanto, papel essencial nesse processo como uma manifestação discursiva de um fenômeno de interação cultural maior, que se caracteriza por ser, ao mesmo tempo, troca e reorganização de valores.

A abordagem inter e transsistêmica de Robyns e Lambert (2004) é interessante para mostrar como a atividade tradutória vem sendo repensada e se tem desenvolvido em meio à complexidade do mundo das comunicações. Não se pode perder de vista, no entanto, que outros autores apontaram caminhos parecidos, embora fragmentariamente: a *Skopostheorie* já propunha a libertação do texto original; Christiane Nord já havia identificado a comunicação como parte integrante da prática da tradução, e a virada cultural já havia explicado que nenhuma tradução pode ser tratada de forma isolada dos contextos. O que a perspectiva sociosemiótica oferece é a inclusão de todas essas propostas sob uma única perspectiva.



Desde quando o artigo desses mesmos autores foi publicado, o panorama das comunicações continuou passando por intensas e profundas mudanças. As redes digitais e as tecnologias nelas embarcadas cresceram em alcance, sofisticação, importância e popularidade. Portanto, tem-se de ir além no contexto contemporâneo das comunicações, pois as mudanças são muito mais profundas do que se poderia supor no começo dos anos 2000, quando se imaginava que as redes seriam apenas poderosos meios/canais de comunicação.

### **Novas tecnologias, linguagens híbridas e a complexificação do processo tradutório**

Os investimentos massivos nas tecnologias digitais inteligentes e distribuídas em rede têm feito surgir novas e inusitadas práticas de tradução, que se vêm desenvolvendo de maneira vigorosa e muitas vezes dispensam a figura do tradutor profissional, como os projetos colaborativos de tradução levados adiante por voluntários, e aqueles baseados em inteligência artificial.

Inúmeras organizações com foco na produção de conteúdos digitais têm colaborado para que o mundo se torne cada vez menor, por meio do estímulo à participação de tradutores amadores em projetos colaborativos de tradução. Os projetos colaborativos incentivam os seguidores ou assinantes de *sites* ou canais na internet e nas redes sociais a produzir materiais traduzidos em diversas línguas, que visam oferecer acesso a conteúdo por eles gerados/publicados ao maior número possível de pessoas ao redor do globo, ampliando, assim, seu poder de comunicação. Milhões de textos, diálogos, letras de músicas, audiovisuais, entre outros produtos da atividade da tradução, são gerados por dia na internet, por pessoas comuns, sem que a maioria se dê conta de que se tratam também de genuínos produtos da atividade tradutória.

O TED<sup>3</sup> é um excelente exemplo de projeto colaborativo de tradução presente na internet. Na página de entrada do *site* se pode ler: “O *Open Translation Project* é um esforço

---

<sup>3</sup> O TED começou em 1984 como uma conferência onde *Technology, Entertainment and Design* convergiram e hoje abrange quase todos os tópicos — desde a ciência às empresas e às questões globais — em mais de 100 línguas.



voluntário mundial para legendar os TED *Talks*, e permitir que suas ideias inspiradoras cruzem línguas e fronteiras”. Reconhecendo a necessidade real e uma oportunidade de acessibilidade radicalmente aberta, o TED desenvolveu um sistema para permitir que voluntários traduzam suas palestras preferidas em qualquer idioma, ou seja, quanto mais voluntários dispostos a traduzir e legendar os *Ted Talks* do inglês para outras línguas, maior acesso é dado às palestras e maior é o alcance da comunicação.

Outros exemplos vêm das grandes empresas como o Google e o Facebook, que também investem muitos recursos em projetos de inteligência artificial voltados à tradução. O Google investe no aperfeiçoamento do aplicativo *Google Translate* e adquiriu o aplicativo *Word Lens*, que permite a tradução de textos impressos para diversas línguas apenas por meio de uma câmera digital voltada para o texto a ser traduzido — o que, para os adeptos do *Google Glass*, significa traduzir textos apenas com um olhar.<sup>4</sup> O Facebook, por sua vez, com a aquisição da empresa *Mobile Technologies*, busca aperfeiçoar os recursos de tradução para as tecnologias móveis. Além disso, em parceria com o Bing (Microsoft), realiza traduções dos *posts* dos usuários.

A página em inglês da Wikipedia abriga um projeto de tradução colaborativa, que solicita que seus usuários verifiquem os artigos listados, enviados em outras línguas e atestem se vale ou não a pena que sejam traduzidos; além disso, eles também podem traduzir verbetes inteiros, ou apenas uma seção de um verbete que não esteja traduzida; realizar revisão a fim de organizar, corrigir e melhorar textos já traduzidos.

O Skype anunciou, há algum tempo, o *Skype Translator*, que abre inúmeras possibilidades inéditas nos campos da educação, da diplomacia, dos negócios e para as famílias multilíngues, pois as barreiras linguísticas representam uma barreira real à produtividade e às conexões humanas. A tradução instantânea é muito difícil de ser realizada porque requer o reconhecimento preciso da fala e a tradução *on-the-fly* da língua; mas a tecnologia está tornando-se possível graças à aprendizagem profunda ou *deep learning* - que é um campo da ciência da computação que se baseia na simulação, em computador, das redes neurais que têm

---

<sup>4</sup> Ver: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/05/google-compra-aplicativo-que-traduz-textos-atraves-de-oculos.html>.



a finalidade de imitar, ao menos em parte, a forma como o cérebro trabalha. Os modelos de aprendizagem profunda ainda estão longe de atingir a complexidade do cérebro, mas a abordagem permite que as máquinas aprendam e melhorem seu desempenho a partir da análise de volumes massivos de dados.

Além dessas novas faces da atividade tradutória presentes nas redes digitais, línguas diferentes das naturais começaram a se multiplicar e a circular nesse meio. Um exemplo são os *emoticons*, que são formas de comunicação paralinguísticas que se tornaram parte da comunicação digital por meio de sua popularização em mensagens de texto e emails.

Em recente pesquisa publicada no jornal *Social Neuroscience*, o Dr. Owen Churches (2014) da escola de psicologia da Flinders University, Adelaide, Austrália, afirma: “Os *emoticons* são uma nova forma de linguagem que estamos produzindo, e, a fim de decodificar essa linguagem, temos produzido um novo padrão de atividade cerebral”. Dr. Churches e seus colegas foram responsáveis por conduzir um experimento no qual apresentaram a vinte participantes: 1. imagens de rostos reais; 2. *emoticons* (envolvendo o uso de dois pontos, hífen e parêntese); 3. uma sequência de caracteres sem sentido. Os pesquisadores se utilizaram da eletrofisiologia<sup>5</sup> para determinar o padrão de atividade elétrica no cérebro enquanto os participantes olhavam para os diferentes estímulos. Os pesquisadores observaram o que acontecia quando cada estímulo era invertido. Enquanto a atividade cerebral correspondente à relação cérebro-face foi provocada por ambas as imagens de rostos reais em posição normal ou invertida, a mesma atividade só foi acionada pelo *emoticon* quando se apresentava na configuração convencional representada pela configuração :-). Com a sequência invertida, ou seja, (-: , as áreas do cérebro envolvidas na percepção do rosto não foram capazes de processar a imagem como uma cara. Ou seja, se despojados da configuração familiar, o parêntese, o hífen e os dois pontos não representavam mais a boca, o nariz e os olhos, e tornaram-se apenas uma série de sinais de pontuação novamente. Churches diz que “os bebês não nascem com nenhuma resposta neural inata aos *emoticons*. Antes de 1982, não haveria razão para que a cara ‘:-)’

---

<sup>5</sup> Na neurociência, inclui medidas das atividades elétricas de neurônios, e particularmente da atividade do potencial de ação, na condução do estímulo nervoso que ocorre nas fibras neuromusculares excitáveis. Para maiores esclarecimentos, consultar: <http://pt.cyclopaedia.net/wiki/Eletrofisiologia>.



ativasse áreas sensíveis do córtex, mas agora ele o faz, porque nós aprendemos que isso representa um rosto”, e acrescenta: “Esta é uma resposta neural totalmente criada culturalmente.”

Os *emoticons* têm não só sobrevivido à passagem do tempo, mas se têm modificado, sofisticado e ganhado força como linguagem. Em matéria do jornal Washington Post de 26 de março de 2014,<sup>6</sup> a colunista Caitlin Dewey reportou que a Apple vinha trabalhando junto ao *Unicode Consortium* para ofertar *emojis* mais multiculturais como resposta a um debate sobre representação racial que vinha sacudindo a internet. Hoje, esses *emojis* multirraciais e multiculturais estão disponíveis em nossos aparelhos digitais. Os *emojis* têm sido considerados, por muitos observadores, uma espécie de linguagem pancultural universal que qualquer pessoa pode acessar e entender.

Para Liza Nelson, artista gráfica e diretora de arte por trás do projeto *Emoji IRL.LOL*,<sup>7</sup> os *emojis* são uma nova linguagem universal. Nas suas palavras:

Eles comunicam perfeitamente uma série de emoções e atividades em segundos, mais claramente do que nós conseguimos com as palavras. Pessoas de todas as idades, gêneros, sexualidade, *status* social, renda e raça parecem se conectar com os *emojis* e ser capazes de se comunicar, a não ser, é claro, se se sentirem não representados.

Esses são bons exemplos de como os códigos e as linguagens se multiplicam e se hibridizam no mundo digital, o que tem forçado, por assim dizer, a mente humana a se adaptar e desenvolver estratégias para lidar com o fenômeno da multiplicação dos signos e suas inúmeras e diversificadas versões traduzidas em outros sistemas de signos.

A intrincada relação entre códigos e linguagens que se misturam no universo das redes digitais interpõe mais uma questão à complexa realidade da tradução nas redes: a da ubiquidade da tradução intersemiótica.

Jakobson (*apud* Venuti, 2000, p. 113-118) definiu a tradução intersemiótica, ou transmutação, como a interpretação de signos verbais por meio de outros sistemas de signos

<sup>6</sup> Disponível em: <<http://www.washingtonpost.com/blogs/style-blog/wp/2014/03/26/apple-multicultural-emoji-are-coming-soon/>>. Acesso em: 15 fev. 2014 e 10 abril 2016.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://emojiiirlol.tumblr.com>>. Acesso em: 15 de fev. 2014 e 10 abril 2016.



não verbais. Ou seja, a tradução intersemiótica é aquela que ocorre entre sistemas semióticos de naturezas diversas. Os exemplos clássicos são aqueles nos quais um poema se torna música, uma música, filme ou um filme, poesia. A classificação tipológica de Jakobson — tradução intralinguística (dentro do mesmo código linguístico), interlinguística (entre códigos linguísticos) e intersemiótica (entre sistemas semióticos) — está claramente baseada nos códigos.

Sob o ponto de vista da semiótica, a comunicação sem código não é possível, pois o signo precisa estar encarnado nas linguagens, que por sua vez são organizadas em códigos (escrito, visual, audiovisual, sonoro, cinético, digital). Caso não haja codificação, o signo só existe como algo potencial. Os códigos são fundamentais porque é no processo de codificação que os signos são organizados *com* e *nas* linguagens, e ganham inteligibilidade e contextualização, e tornam-se suscetíveis à interpretação humana. É importante sublinhar que o código não representa um mero transporte para os signos; ele oferece os parâmetros para a interação entre seu potencial de significação e o relaciona com todos os outros agentes envolvidos em um determinado processo de comunicação. E é por isso que a codificação carrega consigo o poder de transmutação:

Transmutação diz respeito à transformação que mostra a passagem de uma dimensão à outra. Envolve, portanto, alteração. A codificação assim concebida pressupõe tanto a descodificação quanto a recodificação que denuncia a interferência no código de partida. Logo, ‘mensagem’ aqui não diz respeito apenas àquilo que sai de uma fonte e atinge um receptor graças à existência de um código previamente constituído; trata-se de um processo dinâmico de significação que implica tanto a operação conjunta entre fonte e recepção para codificar a informação, quanto a variedade de códigos que entram em ação no processo de recodificação. (MACHADO, 2001, p. 280).

Parece razoável afirmar que, em tempos de comunicação digital em rede e *always-on*, não se pode falar senão em operações simultâneas e entrelaçadas de diversos sistemas semióticos, e de convergência e hibridização de linguagens e de código. Isso porque, nesse ambiente, todas as linguagens e códigos se misturam e se confundem nos processos de comunicação. No ambiente digital, um texto nunca é só um texto, pois está associado a imagens, a hipertextos, a *podcasts*, a audiovisuais, etc. Acrescente-se a isso o fato de esses processos não



ocorrerem apenas na dimensão humana, mas também nas esferas da codificação das máquinas e da interação homem-máquina. Santaella (2007, p. 24-25) diz:

Texto, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornam-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes emprestava. Viraram aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que competem com a luz.

Os ambientes digitais propiciam que os mais variados sistemas — culturais, sociais, linguísticos etc. — convivam, interpenetrem-se e transmutem-se na interação com os mais variados tipos de códigos - escrito, verbal, pictórico icônico, digital, moral ético, etc. Não é difícil concluir, portanto, que se está diante de um universo que requer o exercício permanente da capacidade de tradução intersemiótica.

A complexa realidade dos ambientes digitais, impulsionada pelas tecnologias da inteligência e pela criatividade humana, imersas no universo das linguagens em expansão, precisa ser explorada à luz de teorias mais abrangentes e sofisticadas do ponto de vista semiótico, como as de Yuri Lotman, iluminada por C. S. Peirce.

### **Yuri Lotman e a teoria da semiosfera**

O ser humano vive em meio ao inescapável, intrincado e complexo universo das linguagens. Desde a língua dita natural — seja em sua forma escrita ou oral — à música, à fotografia, ao teatro, ao cinema, aos aplicativos para aparelhos móveis, vive-se em meio às linguagens — que cada vez mais não só se multiplicam, mas convergem e se hibridizam com a ajuda da tecnologia e dos aparelhos inteligentes, que estão realmente cada vez mais inteligentes graças aos avanços da inteligência artificial.

Do ponto de vista semiótico, as linguagens são sistemas de signos que, quando em circulação, atuam na geração de sentido. Para a semiótica peirceana em especial, que é a perspectiva adotada por mim, não há preponderância de um tipo de linguagem sobre outra, ou de um tipo de signo sobre outro, pois a atenção recai sobre a relação triádica signo–objeto–



interpretante — que é o que permite ao signo significar. Mas os signos, a fim de significarem e serem interpretados, precisam estar encarnados nas linguagens, pois “um signo não é nem uma *coisa* e nem um *conceito*; é puramente uma relação por meio da qual um sistema receptivo ordena seu mundo” (HOFFMEYER, 2010, p. 373).

O mundo ao qual se refere Hoffmeyer é o complexo universo no qual os signos são gerados e se multiplicam, e foi batizado por Yuri Lotman de semiosfera. “A semiosfera é o espaço semiótico, fora do qual a semiose não pode existir. [...] Sem a semiosfera, a linguagem não apenas não funciona, ela não existe.” (LOTMAN, 2005, p. 206). Para ele, todos os sistemas semióticos estão imersos em um espaço semiótico e “só podem funcionar pela interação com esse espaço” (LOTMAN, 1990, p. 125). Em outras palavras, um signo só significa quando em relação com outros signos, em um contexto determinado. A semiosfera, para Kotov e Kull (2011, p. 180), é a esfera da semiose, uma *experiência desta*, e é um pré-requisito para qualquer ato único de comunicação a ser interpretado como tal.

Lotman foi herdeiro da tradição estruturalista, um dos fundadores da Escola de Tartu e concebeu o conceito de semiosfera no contexto da semiótica da cultura. Entretanto, o conceito de semiosfera marca, de acordo com Mandelker (1994; 1995 apud KOTOV; KULL, 2011, p. 181), uma mudança das estritas preocupações estruturalistas de Lotman para uma abordagem mais explícita da dinâmica e do organicismo. Além disso, Kotov e Kull (2011, p. 180) acrescentam:

A insistência de Lotman na existência anterior do espaço semiótico em relação aos textos singulares bem como à inter-relação de textos dentro da semiosfera tem um análogo no princípio *omni symbolum e symbolo*, de C. S. Peirce. Em biologia, a relação análoga foi formulada como a Lei de Francisco Redi's (no século XVII): *omne vivum e vivo*. Outra versão dela é a de Jakob Von Uexkül (1920, p. 6), todo design vem do design.

O conceito de semiosfera de Lotman foi adotado e transformado por outras áreas do conhecimento. De acordo com Kotov e Kull (2011, p. 190), partindo da semiótica de Peirce, Hoffmeyer considerou a semiose fundamental para o entendimento dos processos da vida: “signos, e não moléculas, são as unidades básicas no estudo da vida” (apud KOTOV; KULL,



2011, p. 190). A partir dessa perspectiva, Hoffmeyer considera que a semiosfera (a esfera da semiose) coincide com a biosfera (a esfera da vida). Os autores afirmam que Hoffmeyer vai ainda mais longe quando argumenta que, do ponto de vista semiótico, “a biosfera aparece como uma categoria reducionista, a qual terá que ser entendida à luz da ainda mais abrangente categoria da semiosfera”.

Entretanto, quem explica de maneira precisa o que seria a semiosfera, à luz da semiose peirceana, é Santaella (2007, p. 122-123):

Quando estudado para além de uma mera definição técnica, à luz do conceito metafísico de sinequismo, a noção de semiose aparece como uma noção-síntese que integra em um mesmo tecido lógico as distintas substâncias do mundo físico, do ecobiológico, do tecnológico e do antropológico. Isso nos permite questionar o cartesianismo que ainda está implícito em quaisquer oposições entre físico e biosfera, entre bio e semiosfera, entre físico e semiosfera. Longe das simples oposições, o conceito peirceano de semiose nos leva a compreender as diferenças entre essas esferas como diferenças de grau e não de natureza, o que faz jus à afirmação peirceana de que o universo está permeado de signos, constituindo-se, portanto, em uma vasta semiosfera, preta de diferenciações, mas todas elas unidas pelos fios lógicos da semiose.

A semiosfera, aqui considerada, é a semiosfera entendida à luz da semiose peirceana, ou seja, é o universo no qual os seres de todas as naturezas, e os signos, encarnados e traduzidos nas linguagens, nascem, crescem, se multiplicam, convivem, interagem e morrem.

Nesse contexto, Lotman pode levar-nos a inferir uma importante contribuição à tradutologia. “[A] unidade da semiose, seu menor mecanismo de funcionamento, não é uma linguagem separada, mas todo o espaço semiótico da cultura em questão” (LOTMAN, 1990, p. 125 apud KOTOV; KULL, 2011, p. 182). Em outras palavras, “a unidade elementar da semiose é a semiosfera” (LOTMAN, 1990, p. 125 apud KOTOV; KULL, 2011, p. 182).

Kotov e Kull vão adiante, explicando que, funcionalmente, a semiosfera pode ser caracterizada como um sistema pensante que é capaz de: 1. transmitir informações disponíveis; 2. criar nova informação que não é simplesmente dedutível de acordo com um conjunto de algoritmos das informações existentes, mas que são, até certo ponto, imprevisíveis; 3. preservar e reproduzir informação, ou seja, qualquer sistema semiótico tem sua própria memória.



A semiose, nesse sistema, pode ser entendida principalmente em termos de tradução e diálogo. Os autores citam Lotman (1990, p. 127): “A tradução é o primeiro mecanismo da consciência. Expressar alguma coisa em outra linguagem é uma forma de compreendê-la.” E completam, explicando mais uma ideia de Lotman (1990, p. 143), a de que “a necessidade do diálogo, a situação dialógica, precede tanto o diálogo real como a existência da linguagem na qual conduzi-lo: a situação dialógica cria a linguagem comum que subjaz à tradução das mensagens”.

Kotov e Kull (2011) descrevem quatro categorias da semiosfera: limite, binarismo, assimetria e heterogeneidade. De acordo com os autores, uma das categorias mais importantes da semiosfera de Lotman é a do limite, pois um sistema só se torna apto a se engajar no processo dialógico se sua identidade estrutural for estabelecida. O ponto de partida inicial para a individuação semiótica (do sistema) é a distinção<sup>8</sup> binária de interior versus exterior. Portanto, a semiosfera é um sistema com limites, no sentido de que é distinto de e não pode ter contato com sistemas não semióticos (não traduzíveis) ou estrangeiros (*alien systems*). Por outro lado, o limite semiótico tem que ser concebido como uma abstração, uma série de filtros bilíngues ou membranas que permitam a tradução das mensagens de um sistema semiótico para outro. Dessa maneira, o limite da semiosfera é definido como um sistema de, pelo menos, dois códigos de filtros de tradução, no qual ambos determinam sua identidade e permitem a tradução das mensagens entre os diferentes sistemas semióticos.

A segunda e a terceira categorias abordadas por Kotov e Kull (2011, p. 182-184) são o binarismo e a assimetria. De acordo com eles, o mecanismo de tradução, responsável pela geração de novos significados na semiosfera, pressupõe pelo menos dois participantes semioticamente diferentes que sejam mutuamente intraduzíveis. Todo o espaço da semiosfera é seccionado por limites, e “... uma vez que, na maioria dos casos, as diferentes linguagens da semiosfera são semioticamente assimétricas, isto é, elas não têm correspondência semântica mútua, então toda a semiosfera pode ser considerada como geradora de informações”. (LOTMAN, 1990, p. 127). A semiosfera é marcada pela heterogeneidade, pois está repleta de

---

<sup>8</sup> Note-se que eles se utilizam da palavra *distinção* e não *determinação*.



sistemas semióticos múltiplos “que se relacionam entre si ao longo do espectro, que vai desde a traduzibilidade mútua até a mais completa intraduzibilidade” (LOTMAN, 1990, p. 125).

Kotov e Kull concluem o artigo dizendo que a semiosfera pode ser descrita como um “continuum semiótico”, um espaço heterogêneo, embora com limites, que está em constante interação com outras estruturas similares. Os pontos de contato entre os diferentes sistemas permitem a emergência de novos significados, ou seja, o desvio dos códigos já estabelecidos, modelos ou hábitos do sistema dado.

Em seu artigo *On Semiosis, Umwelt, and Semiosphere*, Kalevi Kull (1998) baseado em Hoffmeyer e Emmeche (1991), Merrel (1994, 1996) e Sebeok (1977), defende a ideia de que, se a semiótica e os (organismos) vivos coincidem, então, o que segue é que os princípios da semiótica devem ser verdadeiros para a biologia, e também que as leis da biologia devem interessar à semiótica, pois essas são as leis de funcionamento dos textos. Ele diz que a noção de texto desenvolvida por Lotman (1986, *apud* Kull, 1998)<sup>9</sup> serve muito bem a esse propósito. Um organismo é um texto (Sebeok, 1977, *apud* Kull, 1998). Portanto, diz ele, sua definição de semiose como um processo de tradução, o qual faz uma cópia de um texto, adequado a substituir o texto original em algumas situações, mas que também é tão diferente do texto original que este último não pode ser usado (nem espacialmente, nem temporalmente, devido às diferenças na mediação<sup>10</sup> ou na linguagem) para as mesmas funções. Esse processo de tradução (ou semiose) requer dois tipos de processos de reconhecimento: 1. a tradução assume que partes do texto original são reconhecidas (com base na memória de texto pré-existente) e, como resultado, novas estruturas são erigidas, enquanto certo isomorfismo entre os textos original e novo é mantido; 2. há um processo de reconhecimento que inicia o processo de tradução, o que é necessário à existência de todo o processo em outro nível, e que, ao mesmo tempo, dá a dimensão intencional a qualquer semiose em particular.

---

<sup>9</sup> De acordo com Julia Kristeva, Lotman concebia o texto como um “modelo reduzido de cultura”, e não um fenômeno filológico, mas uma atividade complexa e interativa que cria significados, ou seja, uma atividade semiótica. Ver: <http://www9.georgetown.edu/faculty/irvinem/theory/Kristeva-OnLotman.html>.

<sup>10</sup> No original: *text-carrier*.



Kull (1998) diz ainda que qualquer que seja quem leve adiante o processo de tradução (o tradutor, a memória etc.) é em si mesmo um texto, isto é, o resultado, ele mesmo, de alguns processos de tradução. O mesmo autor continua o raciocínio, afirmando que, partindo dessa definição, segue que a semiose sempre requer uma semiose prévia — a qual produziu um tradutor.<sup>11</sup> Uma vez que o tradutor a reconhece, combinando-a com algo, da forma como foi previamente armazenada, resulta que o processo de tradução em curso implica um processo de tradução anterior; assim como, também, o texto usado para tradução é produto de uma semiose prévia, gerando uma cadeia infinita de semiose ou, como em Peirce, *omne symbolum de symbolo*.

Outra importante propriedade da semiose, segundo Kull (1998), é sua historicidade, juntamente com sua capacidade de aprendizagem. Qualquer texto a ser traduzido deve ser primeiramente reconhecido por um texto anterior, e o resultado da tradução influenciará o processo de reconhecimento nas sucessivas gerações de tradução. Já que todos os componentes da semiose são repetidamente reescritos, tanto a criação de novos quanto o esquecimento de antigos [textos] torna-se possível. De acordo com Lotman (1990, p. 15):

[...] um símbolo serve como um programa condensado para o processo criativo. [...] Um símbolo é um mecanismo de codificação profundo, um tipo especial de 'gene textual'. A combinação de traduzibilidade-intraduzibilidade (em diferentes graus) é o que determina sua função criativa.

*Umwelt* é o mundo semiótico de um organismo, e inclui todos os aspectos significativos para um determinado organismo, portanto, é um termo que une todos os processos semióticos em um conjunto. Enquanto a semiosfera é um conjunto de *Umwelten* interconectados. Quaisquer dois *Umwelten*, quando se comunicam, fazem parte da mesma semiosfera. Na opinião de Kull, a semiosfera não é algo parcialmente independente do *Umwelt* do organismo, mas sim totalmente criada por eles. Os próprios organismos criam signos, os quais se tornam partes constituintes da semiosfera. Para ele, isso não é adaptação ao ambiente, mas a criação de um novo ambiente.

---

<sup>11</sup> Neste caso, imagino que o que Kull chama de *tradutor* seja próximo ao que Peirce chama de *interpretante*.



## Considerações finais

A hipercomplexidade contemporânea exige que se busque uma compreensão diferenciada da tradução. A necessidade de se construir novos olhares transdisciplinares se apresenta como uma imposição face ao avanço das tecnologias inteligentes, móveis e ligadas em redes, que já modificaram e continuarão a modificar a maneira como falamos, escrevemos, lemos, e, em última instância, nos comunicamos e relacionamos – inclusive adicionando diversos elementos não humanos a esses processos.

Como se pôde constatar ao longo deste artigo, do ponto de vista da semiótica da cultura de Lotman e da biossemiótica de Hoffmeyer e Kotov e Kull, iluminadas pela semiótica de Peirce, novos caminhos surgem para a elaboração de uma renovada teoria da tradução.

Sob as perspectivas apresentadas, que dialogam entre si e adicionam novas dimensões e grande complexidade ao fenômeno da tradução, o que se vislumbra é que o processo de tradução vai além do estudo das trocas linguísticas, pois a ideia de que a semiótica e o vivo coincidem, nos diz que os princípios da semiótica devem ser verdadeiros para a biologia e também que as leis da biologia devem interessar à semiótica, pois essas são as leis de funcionamento dos textos, e, portanto, da tradução como fenômeno semiótico.

Trata-se aqui de olhar para o fenômeno como um processo de semiose contínua, que se estabelece a partir da própria natureza do vivo e das íntimas e intrincadas relações de comunicação com os ambientes como se apresentam. O que se propõe, portanto, é uma perspectiva semiótica e cognitiva para o fenômeno da tradução, baseado em teorias robustas o suficiente para darem conta, por um longo tempo, da hipercomplexidade da contemporaneidade.

## Referências

BUZELIN, Hélène. Translation studies, ethnography and the production of knowledge. In: ST-PIERRE, Paul; KAR, Prafulla C. (Eds.). **Translation: reflections, refractions and transformation**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007.



CHURCHES, O. et al. **Emoticons in Mind**: an event-related potential study. *Social Neuroscience*, v. 9, p. 196-202, mar. 2014. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/17470919.2013.873737>. Acesso em: 03 abr. 2014 e 30 mar. 2016.

FANAYA, Patrícia Fonseca. **A tradução na era da comunicação interativa**: uma releitura do funcionalismo de Nord em interface. 2009. 103 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FANAYA, Patrícia. M. S. F. **Autopoiese, semiose e tradução**: vias para a subjetividade nas redes digitais. 2014. 152 f. Tese (Doutorado) - PEPGCOS, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. What is an author? In: Bouchard, D. F.; Simon S. (Ed.). **Language, counter-memory, practice**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1977.

GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. Tradução Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

HOFFMEYER, Jesper. A biosemiotic approach to the question of meaning. *Zygon*, Chicago, v. 45, n. 2, jun. 2010, p. 367-390. Disponível em: <[www.zygonjournal.org](http://www.zygonjournal.org)>. Acesso em: 12 de fev. 2014.

JAKOBSON, Roman. On linguistic aspects of translation. In: VENUTI, Lawrence (Ed.). **The translation studies reader 2000**. London & New York: Routledge, 2000.

KOTOV, Kaie; KULL, Kalevi. Semiosphere is the relational biosphere. In: EMMECHE, Claus; KULL, Kalevi (Eds.). **Towards a semiotic biology**: life is the action of sign. London: Imperial College Press, 2011. Disponível em: <[https://www.academia.edu/2393505/Semiosphere\\_is\\_the\\_relational\\_biosphere](https://www.academia.edu/2393505/Semiosphere_is_the_relational_biosphere)>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2014.

KULL, Kalevi. On semiosis, umwelt, and semiosphere. *Semiotica*, Berlin, v. 120, n. 3/4, p. 299-310, 1998.

LOTMAN, Yuri. On the semiosphere. *Sign systems studies*, Tartu, Estonia, v. 33, n. 1, p. 205-229, 2005.

LOTMAN, Yuri. **Universe of the mind**. A semiotic theory of culture. Bloomington: Indiana University Press, 1990.

MACHADO, Irene. O ponto de vista semiótico. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Orgs.). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NELSON, Liza. **Emoji IRL.LOL**. Disponível em: <<http://emojiirlol.tumblr.com>>. Acesso em: 15 fev. 2014 e 10 abril 2016.



NORD, Christiane. **Translation as a purposeful activity**. UK: St. Jerome, 1997.

PEIRCE, Charles S. **The collected papers of Charles S. Peirce** (CP) (1866-1913). MS (seguido pelo número do manuscrito). Annotated catalogue of the papers of Charles S. Peirce. Disponível em: <[https://www.academia.edu/7410217/The\\_collected\\_papers\\_of\\_charles\\_sanders\\_peirce\\_2904s\\_](https://www.academia.edu/7410217/The_collected_papers_of_charles_sanders_peirce_2904s_)>. Acesso em: 20 de janeiro 2014, 15 de março 2015 e 10 de abril de 2016.

ROBYNS, Clem; LAMBERT, José. **Translation**. Semiotik/Semiotics. A handbook on the sign-theoretic foundations of nature and culture. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2004. v. 4. Disponível em: <[https://www.academia.edu/679548/Translation\\_article\\_in\\_Semiotics\\_A\\_Handbook\\_on\\_the\\_Sign-Theoretic\\_Foundations\\_of\\_Nature\\_and\\_Culture\\_](https://www.academia.edu/679548/Translation_article_in_Semiotics_A_Handbook_on_the_Sign-Theoretic_Foundations_of_Nature_and_Culture_)>. Acesso em: 14 de fevereiro 2014.

SANTAELLA, Lucia. O conceito de semiosfera à luz de C. S. Peirce. In: MACHADO, Irene (Org.). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007.

SNELL-HORNBY, Mary. **The turns of translation studies**. Philadelphia, PA: John Benjamins North America, 2006.

Patrícia Fonseca Fanaya – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC | São Paulo | São Paulo. Contato: [patriciafanaya@gmail.com](mailto:patriciafanaya@gmail.com)

Artigo recebido em abril de 2016 e  
aprovado em junho de 2016